

# **FOLHEANDO LIVROS: incursão teórica em tesouros bibliográficos e bibliológicos**

**Gracineide Santos da Silva<sup>1</sup>**  
**Bernardina Maria Juvenal Freire<sup>2</sup>**

## **Resumo**

Discute-se a importância das Obras Raras como elemento de memória e informação. Defende-se, ainda, a importância da preservação, por parte de instituições públicas e privadas, dos acervos raros, bem como a participação efetiva do bibliotecário nesse processo, sem esquecer que a preservação não exclui o acesso ordenado e planejado. É preciso disponibilizar responsabilmente

## **Palavra-chave:**

**OBRAS RARAS**

## **1 INTRODUÇÃO**

A preocupação com a preservação do patrimônio histórico - cultural vem sendo tema de inúmeras discussões e debates na sociedade. Isso reflete, de certa maneira, o processo de conscientização crescente da comunidade científica, em especial, dos bibliotecários, historiadores, pesquisadores, arquivistas etc. Tais debates têm como focos principais ações direcionadas à produção, ao gerenciamento, à guarda, à preservação e ao acesso às informações que, em particular, caracterizam o processo de evolução da cultura.

Estudos direcionados a coleções de obras raras e de suas respectivas instituições, cuja missão é a guarda, a preservação e a divulgação das mesmas, têm merecido crescente consideração por parte de intelectuais e órgãos públicos, como a Biblioteca Nacional e o IHGP- Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba<sup>3</sup>, os quais, imbuídos da consciência de preservação do patrimônio histórico-cultural, estão tomando para si o papel de guardiões da Memória Nacional. Nossa fonte de pesquisa foi o acervo de Humberto Nóbrega, amante da ciência e da cultura.

Aqui são abordadas questões que envolvem a obra rara, desde sua identificação até sua importância para a história, memória e ciência moderna. Abordamos, ainda, a importância da preservação de acervos particulares, que foram e continuam sendo responsáveis pela formação de grandes bibliotecas.

## **2 ACERVOS RAROS: tesouros da memória**

Os acervos bibliográficos raros são representantes da memória nacional impressa, através dos quais é possível compreender os caminhos percorridos por seus criadores e guardiões e, sem menos importância, por aqueles que desfrutaram das informações neles

---

<sup>1</sup> Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba e autora do TCC originalmente intitulado Tesouro bibliográfico e bibliológico: um estudo do acervo de Humberto Nóbrega.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB – Campus I, orientadora do TCC.

<sup>3</sup> Entidade cultural sem fins lucrativos, fundado em 7 de setembro de 1905, por um grupo de intelectuais e políticos. Tem por finalidade promover e divulgar, no âmbito do estado da Paraíba, estudos, pareceres e pesquisas de história e geografia, bem como suas ciências auxiliares e correlatas.

contidas para a lapidação de novos conhecimentos. Tais acervos possuem importância indiscutível para as diversas áreas do conhecimento humano, tendo em vista que a ciência é fruto de conhecimentos passados que se renovam para a obtenção de novas conclusões e /ou conhecimentos, ou seja,

[...] a ciência alimenta-se da ciência e este é um fato fundamental. As descobertas científicas e as invenções técnicas retrocederiam, e provavelmente desapareceriam, se a comunidade científica não pudesse dispor das informações acumuladas no longo dos anos. (GUINCHAT; MENO, 1994 p.22).

É quase irresistível aos cientistas sociais o encantamento produzido com as fontes primárias: livro impresso, fotografia, cartões-postais, cartas, que revelam parcelas desconhecidas da história e do mundo social.

Os documentos, com toda diversidade tipológica, seus suportes, seu volume crescente, suas origens, suas formas de expressão, organizados em bibliotecas, arquivos, museus, centros de documentação etc., nada mais são do que vestígios vivos deixados pelo homem e/ou sociedade que os produziram e servem para compreendermos aqueles que os originaram. Rodrigues (2000, p.12) afirma que "todo o documento, seja qual for seu tipo, revela a intencionalidade de quem o produziu, por outro lado, de quem o preservou". O livro, para Chartier (1994, p. 8),

[...] sempre visou instaurar uma ordem, fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual deve ser compreendida ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou.

A partir deste pensamento, é reforçado o papel histórico-cultural e científico que desempenha o livro, a obra rara. Entender o livro raro é perceber a essência que envolvia aqueles que o moldaram durante séculos. Para tanto, como assevera Rodrigues (2000, p. 14),

[...] é necessário inseri-lo num contexto histórico específico, não apenas como objeto, mas também como veículo que nesse mesmo contexto interfere. Seu conteúdo pode evocar o passado, contribuir para a compreensão do presente e até prever o futuro. Seu formato perpetua os traços característicos de sua época e nacionalidade.

O acesso a acervos privados e pessoais dá a impressão de que se está tomando contato com frações muito íntimas da história e de seus partícipes. Tal acesso tem o poder de simular o transporte no tempo e a experiência vivida, de forma direta e sem interferência.

A fascinação exercida pelos acervos pessoais parece repousar exatamente do desejo desse contato com a experiência de vida do indivíduo, cuja memória, acreditamos, fica acessível no momento em que examinamos seus documentos, visto que estes são repositório seguro e verdadeiro do registro de sua atuação, pensamento, preferências, pecados e virtudes.

Cabe a uma pessoa física, o titular do arquivo, escolher os documentos que, no fluxo dos papéis manuseados cotidianamente, merecem ser retidos e acumulados. É a pessoa, a partir de seus critérios e interesses, que funciona como eixo de sentido no processo de constituição do arquivo ou acervo.

Objetivando evidenciar o amor pelo livro e a sua importância para as sociedades, faremos uma viagem pelo tempo, tendo como ponto de partida a Antigüidade. *Tesouro dos Remédios da Alma*, inscrição que se encontrava na entrada da biblioteca de Osimandias em Tebas, no período denominado da alta Antigüidade, evidencia, em poucas palavras, a paixão

pelo livro que levou, desde os tempos mais remotos, o homem a “guardar” livros. (MARTINS, 1999).

Ptolomeu Soter, que morreu em 283 anos a.C, fundou a magnífica biblioteca de Alexandria, em que acredita-se, terem existido mais de setecentos mil volumes. Átala, considerando ser a fonte da invenção do pergaminho, fundou a biblioteca de Pérgamo, que gozou também de grande reputação, por conter cerca de duzentos mil volumes. Outra grande biblioteca foi a de Nínive, do rei Assurbanipal, na Mesopotâmia. Na Grécia, a primeira biblioteca foi fundada por Psístrato. Outros grandes possuidores de bibliotecas foram Eurípedes<sup>4</sup> e Aristóteles<sup>5</sup>. (MARTINS, 1999).

As primeiras bibliotecas idealizadas para serem públicas foram as de Júlio Cesar, Augusto e Vespasiano. A mais célebre de todas foi a de Ulpiana, fundada por Trajano, em Roma. Há, ainda, a de Ambrosiana, em Milão, fundada pelo Cardeal Barromeu; a Biblioteca Marciana, de Florença, sonhada por Cosme de Médicis; e a Vaticana, fundada pelo Papa Nicolau V, por volta de 1450, (MARTINS, 1999).

Chegamos à Idade Média<sup>6</sup>. Foi em Constantinopla que se encontraram algumas das maiores bibliotecas particulares, mantidas por imperadores e grandes senhores, as quais posteriormente foram oficializadas. Entre estas, destacam-se: a de Constatino; a do sábio Fócio, que vivia no IX século e foi autor de Myriobiblion; a de Loup, professor em Angem; a de Filagro, também professor; a do bispo de Limoges, Rurice; a do prefeito de Prusione, Tonance Ferreol; a de Carlos V, na França, que deu origem à Biblioteca Nacional de Paris (MARTINS 1999).

A importância atribuída às bibliotecas particulares da Antigüidade e da Idade Média deve-se, não apenas a sua antigüidade temporária em si, mas, em especial, a sua potencialidade informacional, ou seja, foi a partir das obras guardadas nessas bibliotecas que tomamos conhecimento do pensamento de grandes homens como Homero, Aristóteles, e de obras como a Bíblia.

A paixão pelo livro que motiva o bibliófilo Edson Nery da Fonseca<sup>7</sup> a possuir um acervo belíssimo em sua casa; e o bibliófilo José Mindlin, que nunca se considerou dono de sua biblioteca com mais de 30 mil volumes, os quais são exemplos atuais da ação que mudou a história da humanidade e do conhecimento científico. O ato de guardar livros e montar bibliotecas é muito antigo. As primeiras grandes bibliotecas da história foram frutos da vontade de grandes homens que, em alguns casos, só ficaram conhecidos em decorrência de suas bibliotecas particulares. Essa importância é defendida por Rodrigues (2000, p. 15): "discutir a produção do conhecimento científico como constructo de si mesmo requer introduzir neste âmbito de análise o papel fundamental que desempenham as informações acumuladas".

O livro, desde sua origem, é um fenômeno social de caráter ativo, realizador e surpreendente, como afirma Sanders (1999, p. 1):

---

<sup>4</sup> Pouco se sabe de sua origem. Foi o último dos três grandes trágicos. Nasceu na Ilha de Salamina, em 23 de setembro do ano 480, e morreu na Macedônia ano 406 antes da era cristã. Estudou física com Anaxágoras e retórica com Pródigo. O mesmo é considerado por muitos como sendo o homem que revolucionou a técnica teatral.

<sup>5</sup> Filósofo grego, nascido em Estagira, colônia grega da Trácia, EM 384 a. C. Aos dezoito anos ingressou para a academia platônica.

<sup>6</sup> Costuma-se situar a Idade Média entre os séculos V e XV. Este longo período é tradicionalmente subdesenvolvido em Alta e Baixa Idade Média. A primeira abrangendo os séculos V ao XI; e a Segunda aos séculos VII ao XV.

<sup>7</sup> Bibliotecário, nasceu no Recife, em 1921. Foi organizador e diretor do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Publicou vários livros sobre biblioteconomia, entre os quais "Bibliotecas e Bibliotecários da Província" (1959) e "Roteiro para organização de Bibliotecas Universitárias" (1967).

el libro...es decidir, una presencia comunitaria, social, constante, y cambiante en todas sus cualidades: tanto en su estructura externa como en la forma interna de sus contenidos; los medios con los cuales dichos contenidos son organizados y representados; y la forma y materia de estos medios.

O livro, mais que um produto do homem, é um processo pelo qual o homem se revela para o mundo e para si mesmo. É necessário que se entenda o livro como um conjunto de elementos, e o entendimento de seu conteúdo, mais que um de seus elementos, é fator determinante de sua definição e importância. Esse processo socio-comunicador, que é o livro, é multi-transformador, pois desnuda a realidade e a intencionalidade da sociedade que o produziu. Mais que isso:

[...] escribir un libro, es una actividad religiosa. Escribir es recrear la situación en la comunidad, el libro es una comunidad simbólica plasmada en palabras, empresa EN IMÁGENES. Los símbolos son el rebaño que los <<pastores del ser>> de la realidad, conducen por el tiempo ( SANDERS, 1999, p. 2 ).

O objetivo do livro não é manter a memória do passado. A verdade é que todos os livros são históricos, pois refletem a comunidade e os indivíduos em determinado período da história do homem. O registro das ideias dá um sentido real de existência ao homem. O livro nada mais é do que o espelho da sociedade, Sanders (1991, p.3) afirma que "El libro es una microcomunidad porque es una microcultura, es un sistema de ideas viviente, activa y potencial, possible y necesario".

Para Otlet (1934, *apud* RODRIGUES, 2000, p. 39), o termo livro é utilizado para manifestar todas as formas de documento, ou seja,

[...] o livro propriamente dito, manuscrito ou impresso, as revistas, os jornais, os folhetos, as folhas impressas, os materiais que ilustrem uma representação gráfica [...], os materiais iconográficos [...] e qualquer outro tipo de expressão do pensamento do homem.

Definimos *Livro* como sendo um instrumento com a capacidade de mobilidade que reúne informações e/ou o conteúdo intelectual, formal ou informal, desde seu aspecto bibliológico (o livro como informação) até seu aspecto bibliográfico (o livro como fonte de informação), que circula facilmente, seja manualmente ou eletronicamente, e que pode ser multiplicado, além de possuir a capacidade de liberar sons, imagens, ideias, sentimentos, através do tempo e do espaço. Os aspectos bibliológico e bibliográficos serão abordados em um capítulo mais adiante.

Em sua evolução, o livro passa por constantes transformações, que vão desde o seu suporte (barro cozido, madeira, seda, papiro, pergaminho, papel, eletrônico), até o tipo de escrita (cuneiforme, hieróglifo, ideográfica, alfabética). A esse respeito, Sanders (1999, p. 4) acrescenta :

[...] el contenido del libro há sido de religión, de política, de arte, de literatura, en todas las dimensiones de la emotividad humana, de historia, de geografía, de biografía, de ciencia, de tecnología, de filosofía y de poesía.

Para Oliveira (1995, p. 12), estudar a evolução do livro permite evidenciar a história da cultura, como o mesmo retrata em *A fascinante história do livro*:

[...] estrada iluminada de beleza, como é a própria ascensão do homem, até o limiar do século XXI- em que pesem tantas opiniões contrárias, olhos postos no lado sombrio da vida- a biografia do livro permite uma visão global da história da cultura, que ele conserva, alimenta e difunde.

Escarpit (1976, p. 5) afirma que as mutações pelas quais os livros passam demonstram que os escritores não escrevem livros, eles escrevem discursos que se tornam registros. Logo, “o livro é o que é sua difusão. Por isso as mutações que sofre estão estreitamente ligadas às inovações técnicas que o adaptam às necessidades dos escritores cuja palavra ele registra e das sociedades nas quais difunde”.

Chartier (1994, p. 17) diz que " os autores não escrevem livros, eles escrevem textos que se tornam objetos". O autor considera ainda que "as obras, os discursos só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro".

Infere-se, portanto, que o livro não mudou em sua essência nem nos seus fins, mas apenas nas suas possibilidades de formato, multiplicação e disseminação. O livro- depósito e alimento da experiência contínua da humanidade, cuja finalidade é a de transmitir conhecimento acumulado às gerações- ao registrar a evolução cultural, social, técnica e científica do homem, " quer através de sua técnica de impressão e gravação, quer pela influência na formação do espírito humano e na difusão das idéias" (RODRIGUES, 2000, p. 40), constituiu-se no fator essencial do homem, no que diz respeito à difusão do conhecimento, ou seja, do pensamento escrito.

Para a ciência moderna os livros raros, possuem valor singular, são preciosos e especiais. Mas o que caracteriza uma obra rara? O que é uma obra rara?

## 2.1 O LIVRO RARO: aspectos de sua característica

Para Sant'ana (2001, p.1), “[..] livro raro é aquele difícil de encontrar, invulgar, diferente do livro comum [...]o livro raro seria assim designado por ser detentor de alguma particularidade especial (conteúdo, papel, ilustração)”.

Para Pinheiro (2004, p. 1), no entanto esta é uma questão difícil de se resolver, devido a dois precedentes, que ela apresenta em *Livro raro: antecedentes, propósitos e definições*, a saber:

1° é impossível pré - determinar as características de um livro raro porque cada livro é um universo restrito de manifestações culturais- originais e acrescentadas;

2° é difícil discernir sobre características postas em evidência, quando se tenta provar a raridade de um livro- os argumentos são frágeis, baseados na inquestionável.

Existem vários fatores para que o livro seja considerado raro. Para tanto, deve-se considerar não apenas a unicidade, o valor comercial, a beleza tipográfica e/ou antiguidade, mas também o seu potencial informacional. Discutir o valor bibliográfico dos livros raros, é contextualizá-lo em determinada sociedade e em determinado período. Na verdade, esse tipo de obra traz para o agora algo que foi registrado no passado. É possível, através das obras raras, fazer-se uma viagem pelo tempo e pelas idéias.

Em termos bibliográficos, podem ser considerados valiosos os aspectos ligados ao livro enquanto meio de transmitir informações e novas visões de mundo “ O livro seria um representante factual da história do conhecimento, ou seja, um documento verdadeiro do desenvolvimento cultural e social da comunidade” (SANT'ANA, 2001, p.2).

Rodrigues ( 2000, p. 90) acrescenta ainda: "os livros raros podem recriar o passado [...] ou podem criar um novo cenário". Podemos afirmar, com o que já foi visto até o momento sobre obras raras, que estas não são matérias mortas, inertes à realidade, pelo contrário, essas obras são ferramentas indispensáveis à construção da ciência moderna e, conseqüentemente, para a melhoria da sociedade.

Essas preciosidades são responsáveis pelo estímulo, pela imaginação e pela curiosidade intelectual de pesquisadores. Elas têm estabilidade, pois sobrevivem às constantes mudanças e continuam contribuindo para a imortalização das realizações da humanidade.

Desde sempre, o livro tem a qualidade de superioridade intelectual. A esse respeito, Gracia (2003, p.1) acrescenta: "El libro, [...] ser uno de los transmisores de información más eficaces que existen", além de notadamente social. O livro possui conteúdo e formas, exterior e interior, corpo e alma, e essa dualidade é a base de duas ciências fundamentais: A Bibliologia e a Bibliografia. Enquanto a Bibliografia revela a informação como objeto de estudo, em que o livro é a fonte de informação; a Bibliologia revela o livro como a própria informação.

### **2.1.1 O corpo do livro raro: bibliologia**

A palavra bibliologia, segundo Souza (2004), foi empregada pela primeira vez por Gabriel Peignot, em 1802, o qual a define como sendo a ciência do livro e afirma ainda que, em 1934, o belga Paul Otlet desenvolveu o método de estudo da bibliologia, que abrange os campos histórico, terminológico e técnico e, conseqüentemente, científico. Souza (2004) assevera ainda que foi nos anos setenta do século passado, na França, pela Universidad de Burdeos, que a bibliologia toma para si o objetivo de dar explicações das diversas formas da escrita e da comunicação escrita, foi nesta instituição onde foi elaborada uma das primeiras teorias científicas da bibliologia.

O livro raro, além de seu potencial informacional enquanto fonte de informação, possui também seu lado objeto em si, e este objeto é a própria informação. O prazer que se adquire ao folhear um livro raro/antigo pode ser comparado ao prazer de um atleta ao ganhar uma medalha, ao de um garimpeiro ao encontrar um diamante raro, ao de um compositor ao ouvir todos cantarem sua música. O livro raro tem um toque de mistério, riqueza, amor e paixão, e esta paixão começa pelas luxuosas encadernações, passa pelas belíssimas ilustrações, até chegar a minúcia e delicadeza das letras, que em vários momentos foram traçadas a ouro.

Folhear um livro raro é mergulhar na intimidade de seu criador, é sentir-se um caçador de tesouros que lança-se à mar aberto, e que em meio a tanto vislumbre, procura uma única coisa, um único sonho, pois tudo é magia, encanto e descoberta.

Picazo (2001, p.1 ) acrescenta a respeito do ato de folhear uma obra rara, especial e preciosa:

Es entonces cuando el libro se entiende como un espacio de memoria, como un intervalo de tiempo en el que caben muchas voces, incluso la del propio lector. En esse momneto intimos que la fusión entre el sujeto y el objeto. Entre el lector y el libro, se pude producir, [...], y si delo que se trata es de libros raros, extraños, valiosos, fragilis o prohibidos, esta situación excepcional convierte el acto solitário de la lectura en un placer no tan sólo por el hicho de recorrer las palbras, sino por el proprio acto de observar y tocar aquel objeto precioso.

Delgado (1997, p.13) acrescenta sobre o objeto-livro:

[...] suas folhas, a capa, as ilustrações, o sumário, o índice, as notas de pé de página, as referências bibliográficas...E mais: seu cheiro, suas marcas, uma palavra sublinhada, uma anotação marginal, um risco vertical, ou apenas as marcas na lombada, denunciando o manuseio e quem sabe, outras evidências de um leitor(a) curioso(a) produzindo leituras, **rescrevendo o texto** (grifo nosso).

Assim como tudo que amamos, o livro raro deve ser cuidado e apreciado. A textura da capa, a força do dorso, seu cheiro inigualável, único e misterioso, são revelados pela paixão, no momento do toque e do passeio das mãos da curiosidade e do fascínio pelas páginas da revelação.

Mas a materialidade do livro raro não é tão clara quanto possa parecer, ao contrário, é também informação implícita, que precisa de decifração; é secreta e sujeita a múltiplas interpretações. Para melhor entendimento dessa subjetividade material que o livro possui, tomemos como exemplo a encadernação luxuosa: para alguns, é a evidência de amor pela cultura e pela arte; para outros, simboliza poder e o prestígio de seu possuidor de origem, ou ainda seu valor enquanto mercadoria.

O sublinhado cauteloso de determinado trecho de um livro raro é capaz de despír o interesse de seu(s) leitor(es). As anotações reforçam a intencionalidade de quem as escreveu apertadinhas entre as linhas do texto original ou às suas margens. As dedicatórias recriam uma superfície de sentimentos e emoções; as folhas amareladas pelo tempo e manchadas pelo suor da constante busca nos levam ao momento de sua criação, e o mais importante, nos torna criadores.

### **2.1.1 A alma do livro raro: bibliografia**

O termo bibliografia vem do grego biblio(livro) e grafein(escrever), é a ciência que se ocupa em selecionar, identificar, descrever e classificar os documentos. Considerando a função da informação explícita a ser lida e examinada a partir do sentido crítico do seu conteúdo, “o leitor encontra na Bibliografia os recursos para buscar, recuperar, questionar, selecionar e usar a informação registrada” (ESPÍRITO..., 2004, p.2).

Esse tipo de suporte, a obra rara, viabiliza a pesquisa e o conhecimento da história do universo, no que diz respeito tanto à cultura quanto às relações sociais, na evolução da ciência e do saber individual e coletivo. Através do livro raro/antigo, é possível estudar as origens do conhecimento contemporâneo, a partir das diversidades de idéias e saberes, além da relação que esses saberes mantinham com as sociedades da época.

O livro, aqui representado pelas obras impressas e raras, detêm um valor inquestionável para a construção de novos conhecimentos, tendo em vista que a ciência é feita a partir de conhecimentos acumulados. As informações presentes no livro são responsáveis pelas transformações às quais as sociedades são submetidas. Isso é possível graças ao caráter dinâmico que há no livro/informação.

Esse instrumento de difusão do conhecimento merece e possui lugar de destaque na ciência moderna. O que seria da ciência médica se os desenhos de Leonardo Da Vinci-pintor do famoso quadro *A Mona Lisa*-e suas anotações sobre anatomia, obtidos a partir da dissecação de cadáveres, não tivessem chegado até os nossos dias? Sem dúvida, o livro raro guarda em sua intimidade o porquê de sua constituição, além de revelar a intenção de seu produtor e a essência de sua sociedade e de seu tempo.

Antes do livro manuscrito (tabuletas de argila, pergaminhos etc.), não havia outra forma que possibilitasse a conservação e a guarda do conhecimento passado. A palavra escrita é inseparável da situação de onde surgiu; ela é a evidência da capacidade que o homem tem de separar-se da realidade, para assim poder descrevê-la. A respeito dessa necessidade de relatar sua existência, Oliveira (1995, p.13) assim se pronuncia:

[...] parece ser a ordem natural das coisas que os primeiros registros tivessem por objetivos inventariar bens pessoais ou do grupo - cuidado imposto pelo princípio maior da vida social, que é a definição, a determinação do meu e do teu.

O livro raro, enquanto fonte de informação é, sem dúvida, uma das mais eficazes ferramentas no desenvolvimento da Ciência Moderna, pois documenta, com sua história, a evolução cultural do homem e tem demonstrado, através de seu estudo, o pensamento de grandes intelectuais que disseminaram as primeiras teorias do saber que temos hoje.

### **O VALOR DAS JÓIAS: a raridade relativa**

Caracterizar um livro raro apenas pela sua antiguidade não é o suficiente, como afirma Pinheiro (2004, p.2): "a antiguidade não é sinônimo de raridade, nem garante o mérito de um livro. No final do século XVII e ao longo do XVIII...publicava-se de tudo", ou seja, existem obras antigas pelas quais ninguém se interessa, pois muitas vezes seu texto é incompreensível ou ainda possui um número muito grande de exemplares produzidos, o que implica fácil localização. A autora cita, neste caso, a Gramática Aelius Donatus.

A raridade de um livro, portanto, é muito mais abrangente, conforme podemos constatar, nas palavras abaixo:

[...] o livro pode ser raro em virtude das características estabelecidas por fontes bibliográficas; única em relação aos exemplares do mundo ou estar dentro de um limite histórico ou ainda apresentar aspectos bibliográficos diferenciados...o que caracteriza um exemplar são detalhes técnicos bibliográficos que dão à obra sua preciosidade tanto na forma quanto no conteúdo (UNIVERDADE Federal do Rio do Janeiro, 2004).

“Não existem investigações bibliográficas que abordem critérios de raridade de forma metodológica e sistemática” (PINHEIRO, 1989, p.19). A dificuldade para se estabelecerem critérios de raridade de maneira sistematizada está na impossibilidade de predeterminar o que seria um livro raro, tendo em vista que cada obra é um universo de manifestações culturais que se acumulam durante a existência da obra. Isso se deve ao caráter subjetivo e dinâmico do livro, portanto, é necessário que, se estabeleçam os critérios que identificaram uma obra como sendo rara,

[...] o critério de raridade relativa pode considerar um livro como raro, conforme as características em que se enquadre: uma edição com alguma particularidade ou carácter próprio que a distingue das demais; a relevância histórica da obra; uma edição que seja testemunha dos estágios de avanços científicos e tecnológicos; uma obra representativa do escopo da instituição onde está localizada; um exemplar acrescido de elementos em período posterior a sua publicação, por exemplo, autografados pelos autores (RODRIGUES, 2000, p. 42).

Esses critérios poderão ser aplicados nas mais variadas circunstâncias, isto é, de acordo com o acervo a ser formado e mantido. Aqui se incluem o tipo de material, o objetivo do acervo e o tipo de usuário.

Cada Unidade de Informação tende a elaborar os próprios critérios de raridade bibliográfica que, geralmente, não são universais, mas que devem ser aceitos universalmente. Como exemplos, citamos alguns critérios que consideram o valor cultural e o limite histórico, respectivamente.

*a) Valor cultural:*

- "[...] obras de personalidades de projeção política, científica, literária e religiosa"

(BIBLIOTECA de Affonso Pena Junior *apud* SANT'ANA, 2001, p.12);

- "[...] livros de autores paraibanos" (UNIVERSIDADE Federal da Paraíba: Biblioteca Central). Digitado;

- "[...] edições populares, especialmente romances e folhetos literários (cordel, panfletos)"

(UNIVERSIDADE Federal do Rio de Janeiro, 2004).

*b) Limite histórico:*

- "[...] obras publicadas no Brasil no século 19 ( período - marco em face da instalação da tipografia no Brasil em 1808)" (BIBLIOTECA de Manguinhos, 2004);

- "[...] livros editados até 1801, qualquer que seja o local de publicação" (BIBLIOTECA Mario de Andrade *apud* SANT'ANA, 2001, p.8).

Outros critérios também são utilizados para a identificação de obras raras, tais como: livros artísticos; tiragens limitadas; obras esgotadas; edições clandestinas; incunábulo (do latim *Incuna*, que significa berço. Até o ano de 1500 foram assim designados os livros impressos) etc. (FUNDAÇÃO Biblioteca Nacional, 2004).

O bibliotecário deve estar atento ao definir os critérios de raridade bibliográfica, pois os mesmos, como já foi dito, devem ser aceitos universalmente, afinal os acervos raros são fontes e ferramentas de pesquisa. Enquanto fonte, os acervos raros fornecem as informações ao pesquisador; enquanto ferramenta, a "posse" dessas informações, por parte do pesquisador, implica a capacidade de construção de novos conceitos e de novos conhecimentos.

Os livros raros são mensageiros de idéias, desejos, sonhos e sentimentos e podem servir mais do que objeto de decoração em vitrines de museus, ou em salas, trancadas a "sete chaves". Avaliar o valor ou o potencial de uma obra rara requer estudo constante e estabelecimento de critérios específicos. É necessário inseri-la em um contexto histórico específico, não apenas como um produto, mas sim, como algo que é capaz de recriar situações, de rever conceitos, e, acima de tudo, de um elemento capaz de revelar marcas e vestígios de cultura letrada.

Cada período da história apresenta características singulares, e estas fazem à história ser dinâmica, tendo em vista que os fatos são resultados da ação do homem, e isto inclui a

obra rara, pois cada obra é fruto da sociedade que a criou e por isso carrega intrinsecamente suas características. Portanto,

Diante do que foi visto essencialmente subjetivo como o conhecimento social o é, afinal a sociedade vive em constantes transformações; caracterizar uma obra como RARA não é fácil, mas é tão prazeroso e importante como avaliar um diamante, as ruínas gregas, as pirâmides do Egito. Todos possuem seu valor seja este intrínseco ou extrínseco. Cabe ao pesquisador, ao bibliotecário, ao historiador fazer a avaliação.

### 3 GUIA DE CONCLUSÃO

Os livros raros têm valor incalculável, pois sobrevivem ao tempo e ao espaço, desde que, é claro, com a devida preservação, e imortalizam as realizações da humanidade.

Infere-se, outrossim, que o livro raro pode servir como fonte de informação riquíssima para a pesquisa científica, pois ele é depositário de conhecimentos anteriores que, muitas vezes, foram deixados de lado, e podem tornar-se produtivos. Ele, o livro raro, deve receber tratamento especial, já que resistiu a tantas mudanças da sociedade: revoluções, guerras, filosofias, crenças, ideais, etc. e chega até nós com a mesma força do dia de sua criação. Esse objeto valioso é um tesouro que revela a intimidade dos homens e da sociedade que o lapidou. O livro raro é uma jóia de valor, cujo preço é difícil de calcular, mas que todos, ao conhecê-lo, desejarão possuí-lo.

É necessário, no entanto, ter em mente também que não basta apenas preservá-las, colocá-las em salas climatizadas, ou até mesmo em redomas de vidro. Por outro lado defendemos o acesso aos acervos raros a pesquisadores e ao público, em geral, afinal, do que vale um belo acervo sem ser consultado? Assim voltaríamos à Idade Média, quando o acesso aos livros era privilégio de poucos, e estes, amarrados às estantes.

É necessário reavaliar e redefinir a função da obra rara e seu papel na evolução das ciências, além de seu valor patrimonial, histórico e cultural de uma determinada sociedade. É necessário eliminar a idéia de que livros “antigos” são obsoletos e que devem ser “jogados fora”. O Bibliotecário deve ter a consciência de sua responsabilidade, junto com outros profissionais, de preservar esses bens. Para isso, é necessário conhecê-los intimamente, afinal, não se valoriza ou se guarda o que não se conhece.

#### ***FLIPPING BOOKS: theoretical journey into bibliographical and bibliological treasures***

##### ***Abstract***

*Discuss the importance of rare works as element of memory and information of protect, for part of public institutions, good as the effective participation on librarian in this process, without forget the protect don't exclude the access wage and plan. It is precise dispose responsibly.*

##### ***Keywords:***

##### ***RARE WORKS***

##### **REFERÊNCIAS**

BIBLIOTECA de manguinhos. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/cict/bibliotecas/obrasraras/criterios.htm>>: Acesso em: 23 jun. 2004.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII.** Tradução de Mary Del Priorio. Brasília: UNB - Universidade de Brasília, 1994. (Tempos).

DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia sentimental de sebos e livros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ESCARPIT, R. **A revolução do livro.** Rio de Janeiro: FGV, 1976.

ESPÍRITO e o corpo do livro raro: fragmentos de uma teoria para ver e tocar. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=1674>>. Acesso em: 01 abr. 2004.

FUNDAÇÃO biblioteca nacional. Disponível em: < <http://www.bn.br/Script/FbnEda.asp#> >: acesso em: 22 jul. 2004.

GRACIA, Manuel José Pedraza. Algunas reflexiones sobre la tasaci`n del libro antiguo como actividade documental. **Anales de domentaci3n**, Zaragoza, n.3, p.221-238. 2003. Disponível em: <<http://www.unizar.es>>. Acesso em: 18 jun. 2004.

GUINCHAT, C.; MENOUE, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação documental.** 2.ed. Brasília: IBICT, 1994.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca.** São Paulo: Ática, 1996.

OLIVEIRA, José Texeira de. **A fascinante história do livro.** 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos, 1995. v. 1.

PICAZO, Gloria. El libro: memoria do mundo. Disponível em: < <http://okupgraf.net/menu/encuentros2001/gloriapicazo.pdf>>. Acesso em 19 jun. 2004.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. **Que é livro raro?:** uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

RODRIGUES, Jeorgina Gentil. **A criação da Fundação Oswaldo Cruz e a formação de acervos bibliográficos raros.** 2000. 124p. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANDERS, Susana. El libro. **Transinformação**, Campinas, v. 11, n.3, p. 223 – 226, set./ dez. 1999.

SANT'ANA, Rizio Bruno. **Ver. Online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas**, v.2, n.3 p. 1-18, jun. 2001. Disponível em: < <http://www.rbjm.br/rev.online>>. Acesso em: 20 jun. 2004.

SOUZA, Liliane Braga Rolin H. de. **Biblioteconomia paraibana:** por entre os labirintos do arquivo Afonso Pereira. João Pessoa, 2004. 100p. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

UNIVERSIDADE Federal da Paraíba. Critérios de raridade bibliográfica [2003]. Digitado.

UNIVERSIDADE Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: < [http://www.forum.ufrj.br/biblioteca/livros\\_raros.html](http://www.forum.ufrj.br/biblioteca/livros_raros.html) >: Acesso em: 23 jun. 2004.